

## Mercado S/A



AMAURI SEGALLA  
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

“A Meta vem passando por mudanças radicais. Há alguns dias, a empresa anunciou ajustes em seus programas de diversidade, equidade e inclusão”

### Meta abandona diversidade e provoca reação nas redes

A Meta vem passando por mudanças radicais. Há alguns dias, a empresa anunciou ajustes em seus programas de diversidade, equidade e inclusão. Na verdade, a maioria das iniciativas na área serão canceladas. Segundo reportagem publicada pelo site *Business Insider*, a guinada — que inclui o fim da moderação de conteúdos publicados em redes sociais como Facebook e Instagram — já vem provocando reações de funcionários, que passaram a criticar a Meta nas próprias plataformas da companhia.

### Mercado de trabalho brasileiro recebe venezuelanos e cubanos

Um estudo realizado pela LCA Consultores mostrou que, de janeiro a agosto de 2024, o Brasil acolheu 321 mil imigrantes com contratos formais de trabalho, o que representa um crescimento expressivo de 53% em comparação com o mesmo período de 2023. De acordo com o levantamento, as vagas foram preenchidas principalmente por profissionais oriundos de Cuba e da Venezuela, países que enfrentam grave crise econômica. Atualmente, cerca de 1,5 milhão de estrangeiros vivem no Brasil.

**R\$ 3,6 BILHÕES**

é quanto a Ferrovia Transnordestina, que conecta o Porto de Pecém, no Ceará, ao Porto de Suape, em Pernambuco, deverá receber em investimentos, em 2025, do Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FNDE).

## Líderes em tecnologia, Zuckerberg e Musk são as vozes do retrocesso

ANDREW CABALLERO-REYNOLDS / AFP

Mark Zuckerberg abraçou a agenda conservadora. Em entrevista para um podcast nos Estados Unidos, o dono da Meta afirmou que as empresas precisam de mais “energia masculina” e lamentou que a sociedade nos últimos anos esteja “tentando fugir dela.” Segundo o bilionário, uma característica masculina que considera importante para o mundo corporativo é a agressividade — como se as mulheres não pudessem também ser enérgicas e agressivas. Não deixa de ser surpreendente que, em pleno 2025, um dos executivos mais importantes do mundo reforce estereótipos de gênero e se torne uma voz contra a diversidade. O mundo está regredindo. Do alto de seus 94 anos, Warren Buffett, a lenda dos investimentos, não cometeria um disparate desse tipo. Muito menos Bill Gates, 69 anos, que fundou a Microsoft e banca projetos que valorizam a inclusão. O retrógrado Zuckerberg tem 40 anos e Elon Musk, que parece inspirá-lo, 53.



### Trump reforça planos para aumentar produção de petróleo e gás

Sob Donald Trump, o mundo deverá ficar menos verde. Mais uma vez, o presidente eleito dos Estados Unidos ressaltou a sua intenção de priorizar investimentos em energia fóssil, especialmente petróleo e gás. Na sexta-feira da semana passada, Trump disse que pretende interromper novos projetos de energia eólica no país, modalidade chamada por ele de “cara e pouco confiável”. Diversos estudos, contudo, mostram que o custo dos sistemas vem caindo e que se trata de uma fonte energética segura.

Ed Alves/CB/DA.Press



“A direita não quer pagar impostos e a esquerda não quer cortar gastos”

Fernando Haddad,  
Ministro da Fazenda

### RAPIDINHAS

A japonesa Toyota, maior montadora do mundo, abandonou a produção de carros movidos a hidrogênio. A desistência se deve às baixas vendas dos modelos desse tipo, associadas aos custos elevados de produção. Agora, o foco da empresa está na fabricação de automóveis elétricos, que conquistam cada vez mais espaço na Ásia.

Enquanto a Toyota corta investimentos, a sul-coreana Hyundai vai na direção oposta. A empresa anunciou que desembolsará US\$ 8,8 bilhões para a pesquisa de próxima geração, o que inclui carros eletrificados e movidos a hidrogênio. A Hyundai é a terceira maior montadora do mundo, atrás da Toyota e da alemã Volkswagen.

As importações brasileiras de carros elétricos aceleraram com força em 2024. Números do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços mostram que elas somaram US\$ 1,6 bilhão no ano passado, um acréscimo de 108% versus 2023. Mais uma vez, a China liderou esse movimento, respondendo por 84% do total.

Divulgação



A companhia aérea Azul reavaliou a sua malha aérea. Com isso, oito cidades do Nordeste deixarão de ser atendidas pela empresa a partir de março — são municípios como Mossoró (RN) e Barreirinhas (MA), entre outros. De acordo com a empresa, a mudança se deve “a um processo normal de ajuste de capacidade à demanda.”

## POLÍTICA MONETÁRIA

# Mercado teme alta da inflação

Para especialistas, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deve ficar acima de 6%, o que exigirá juros cada vez mais elevados

» ROSANA HESSEL

O aumento das incertezas em relação ao compromisso do governo em recuperar o equilíbrio fiscal reacendeu o debate do risco de o país entrar novamente em um cenário de dominância fiscal — quando a política monetária não consegue mais surtir efeito no controle da inflação devido à piora do quadro fiscal — a perna manca tradicional do tripé macroeconômico — que é composto por câmbio flutuante, metas de inflação e superávit primário das contas públicas.

Não à toa, na última reunião do ano do Comitê de Política Monetária (Copom), o Banco Central acelerou o ritmo de alta da taxa básica da economia (Selic) de 0,5 ponto para 1,0 ponto percentual em dezembro, para 12,25% ao ano, e sinalizar mais duas altas da mesma magnitude nas primeiras reuniões de 2025.

Essa decisão reflete a preocupação de 80% dos entrevistados pelo BC de que haverá piora do quadro fiscal no questionário pré-Copom. Na reunião anterior, esse percentual era metade, de 40%.

E, na carta aberta de justificativas sobre o descumprimento da meta de inflação pela oitava vez desde o início do regime atual, em 1999, o novo presidente do BC, Gabriel Galípolo, admitiu que “no cenário doméstico, a percepção dos agentes econômicos sobre o cenário fiscal afetou, de forma relevante, os preços de ativos e as expectativas dos agentes, especialmente o prêmio de risco, as expectativas de inflação e a taxa de câmbio”.

E, como a inflação oficial

rompeu o teto da meta em 2024, as projeções recentes de analistas indicam que, neste ano, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deverá ficar acima de 6%, o que exigirá juros cada vez mais elevados e, provavelmente, acima de 15% ao ano. Atualmente, a taxa Selic está em 12,25% e o risco país é maior do que de países que tiveram sua economia devastada na crise financeira global de 2008, como a Grécia.

Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, que elevou recentemente de 15% para 15,50% ao ano a previsão para taxa Selic no fim de 2025, acredita que o governo precisará anunciar um novo pacote fiscal, porque “as despesas obrigatórias estão crescendo muito rápido”. “O lado monetário tem funcionado bem, mas ainda é preciso arrumar a perna fiscal. E foi por isso que o Copom anunciou um choque monetário de 300 pontos-base em três parcelas, de dezembro de 2024 até março de 2025”, pontua.

O economista e especialista em contas públicas Manoel Pires, professor da Universidade de Brasília (UnB) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), lembra que os debates sobre dominância fiscal ocorreram na época de saída da pandemia da covid-19 e, na recessão de 2015. “Quando os gastos do governo passam por um aumento significativo, esse tema sempre surge, mas ele nunca se concretizou porque o governo sempre deu um gesto para impedir esse cenário. Por isso, acho que pode acontecer a mesma coisa agora”, afirma.

Pires ainda reconhece que o

Rafa Neddermeyer/Agência Brasil



Na última reunião do Copom em 2024, o Banco Central acelerou o ritmo de alta da Selic

país está vivendo um cenário bastante adverso e, mesmo com um déficit primário grande nas contas públicas de 2023, de 2,3% do PIB, foi possível reduzir os juros no fim daquele ano e o rombo fiscal de 2024. “Mas o cenário de 2025 é muito mais desafiador. Mesmo com o déficit menor do que o de 2023, o cenário macroeconômico vai exigir um esforço fiscal maior do governo e há muita dúvida sobre a capacidade do governo em cumprir as metas fiscais”, afirma. Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados,

engrossa o coro e não descarta o risco de mudança na meta fiscal novamente, como fez em abril de 2024, quando o governo deixou de perseguir a meta de déficit zero e passou a perseguir o piso da meta, que permite um rombo fiscal de até 0,25% do PIB.

### Dívida explosiva

Pelas projeções da Instituição Fiscal Independente (IFI), a dívida pública bruta deverá chegar a 90% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2027, e ultrapassará o

patamar de 100% do PIB a partir de 2030, considerando o cenário mais conservador. E, no pessimista, considerando a taxa básica da economia acima de 15% ao ano, algo que está mais factível nas atuais projeções do mercado, a dívida pública ultrapassa 100% do PIB, em 2027. Logo, para evitar esse cenário insustentável para um país emergente, o governo precisará cortar gastos e registrar superávits primários de 2,4% do PIB ao ano, ou seja, acima de R\$ 300 bilhões, para conseguir estabilizar o crescimento

da dívida bruta.

Fernando Honorato, economista-chefe do Bradesco, acredita que o Brasil ainda está longe desse quadro de dominância fiscal. “Não gosto dessa tese, porque entendo que a transmissão da política monetária na inflação fica menos eficiente e isso não quer dizer que é dominância fiscal”, afirma. Ele reconhece que o mercado errou muito nos últimos anos, além do PIB e do câmbio. “Isso nos obriga a uma reflexão, porque as projeções, inclusive as minhas, erraram porque sabíamos dos efeitos que as reformas econômicas — como a trabalhista, a da Previdência, a autonomia do Banco Central e o marco do saneamento — teriam algum efeito na atividade, mas as nossas ferramentas são pobres para medir e isso explica parte do erro”, afirma.

Para Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV, 2025 será um ano cheio de desafios, a dinâmica da dívida pública vai mostrar piora nas condições do país e derrubar a eficiência da política monetária. “Isso vai exigir juros mais altos do que o necessário e será preciso um ajuste no crescimento muito mais duro para evitar esse cenário de dominância fiscal. Af, sempre tem a dívida em torno do assunto uma vez que o atual governo herdou um PIB com capacidade maior de crescimento e ele adicionou um impulso, mas ele tem limite, tanto que, nos últimos dois anos, houve um desequilíbrio inflacionário e fiscal. Agora, os dois últimos anos do atual mandato de Lula são anos que vão repetir o problema de limites para qualquer expansão fiscal”, alerta.